

MUSEU DE CASA CORA CORALINA NA CIDADE DE GOIÁS-GO: UMA PERSPECTIVA DA MATEMÁTICA NÃO FORMAL

Bruno Rafael Gomes Avila ¹

Rodrigo Bastos Daude ²

RESUMO

A presente pesquisa faz parte de um estudo desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás (UEG) por meio de projeto de Pesquisa Tica de Matema. Tem por objetivo investigar, analisar e compreender a importância do Museu como um local de Educação Não Formal para o ensino de Matemática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Para produzir as informações, as técnicas de coletas utilizadas foram: questionários, entrevistas e diário de campo. As entrevistas foram realizadas com os guias turísticos, afim de compreender sobre o ambiente investigado, e com a Monitora do Museu, já os questionários com os visitantes do Museu. Os aportes teóricos que sustentam a investigação são as teorizações, da Etnomatemática com Ubiratan D' Ambrósio vislumbrando a necessidade de considerar diversos olhares, saberes e fazeres dos diversos grupos culturais; Maria da Gloria Gohn com Educação Não Formal no sentido de complementariedade a educação formal e Jacobucci, Crepaldi, Martins, Souza, apresentam os Museus como espaço educativo. A conclusão dessa pesquisa apontou discussões acerca do Museu Casa de Cora Coralina como um espaço de difusão cultural reconhecido, internacionalmente; bem como seu potencial para discussão de conceitos de matemática associados ao contexto histórico, social e cultural.

Palavras-chave: Educação Não Formal. Etnomatemática. Museu. Educação Matemática

INTRODUÇÃO

O estudo realizado para esta pesquisa baseou-se inicialmente num levantamento bibliográfico e posteriormente uma pesquisa de campo. A principal motivação de estudar o Museu Casa de Cora Coralina na Cidade de Goiás/Go como um ambiente de Educação Não Formal são as potencialidades para facilitar a aprendizagem e ser um espaço de difusão cultural reconhecido internacionalmente; além de ser um forte potencial para discussão de conceitos de matemática e física associados ao contexto histórico; social e cultural.

O Museu Casa de Cora está na cidade de Goiás a qual possui cerca de 22 916 habitantes, de acordo com o IBGE (2018). Em 2001 a cidade foi reconhecida como Patrimônio Cultural Mundial, pela Organização das Nações Unidas para a Educação,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás - UEG

² Docente Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Goiás - UEG





REFERENCIAL TEÓRICO

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E MUSEU

Muito se tem discutido recentemente acerca da educação não formal. No campo educacional existem três tipos, que são eles: educação formal, educação informal e educação não formal. Para Maria da Glória Gohn (2010), desde os anos de 1980 trabalhava com o pressuposto de que os movimentos sociais e outras práticas associativas coletivas tem um caráter educativo. Sobre a categoria de educação não formal foram construídas sob vivências práticas e espaços comuns de modo que:

[...] é um campo que vem se consolidando desde as últimas décadas do século XX e a aplicação para este fato advém das mudanças e transformações ocorridas na sociedade neste período, especialmente com a globalização. [...] Por exemplo, as redes de sociabilidades virtuais, atualmente uma grande força propulsora de atividades de natureza diversa (associativa, de lazer, de negócios, política, cultura, religiosa etc.), não se vinculam exclusivamente a aprendizagens escolares. (GOHN, 2010, p.34-35).

Note que a educação não formal é um campo que vem se consolidando desde as últimas décadas do século XX, sua aplicação advém das mudanças e transformações ocorridas na sociedade. A partir dessas vivências procurou diferenciar não apenas da educação formal-escolar, mas também da educação popular o qual sempre esteve relacionada com os processos de alfabetização de adultos.

Podemos observar que a educação não formal está em vários campos da vida social: movimentos sociais, redes e fóruns associativos da sociedade civil; projetos sociais desenvolvidos por ONGs, associações ou entidades do terceiro setor; conselhos, câmaras e outras estruturas.

A priori percebe se que a educação não formal está presente em todos os momentos de nossa vida, sendo uma ferramenta importante no processo de construção e formação da cidadania das pessoas, seja qual for o nível de escolaridade ou social ao qual está inserido. Entretanto tem a possibilidade de inclusão e resgatar valores culturais, expressando diversidades e práticas. Foi conceituado que a educação não formal possui o seu próprio espaço, seja qual for sua classe social, étnica, nacionalidade ou religião, unindo cultura e política, permitindo agregar valores.

Contudo a educação não formal, reafirma sua importância como um direito para todos, destacando a cultura das pessoas. Como forma de dar concretude a esse ideário



de educação lançamos mão de alguns referenciais teóricos que mostram os museus como um espaço não formal de educação.

Segundo Jacobucci:

O termo “espaço não-formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível desenvolver atividades educativas. (JACOBUCCI 2008, p.55).

O Museu é um espaço propulsor ao processo de ensino e aprendizagem, não com os parâmetros da educação formal e escolar. Para Jacobucci (2008, p.56), “O espaço formal diz respeito apenas a um local onde a Educação ali realizada é formalizada, garantida por Lei e organizada de acordo com uma padronização nacional”. Note que o espaço de educação formal é a escola, é possível dizer que espaço de educação não-formal é qualquer espaço fora da escola na qual é possível ocorrer uma situação educativa.

Nessa perspectiva o museu tem suas funções que são; preservação, investigação e comunicação, visto que essas funções estão associadas à educação e ao lazer, além do mais os visitantes vão aos museus buscando conhecimento ou entretenimento.

O Museu Casa de Cora Coralina possui esse nome em agradecimento a Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas denominada Cora Coralina, nasceu na Cidade de Goiás no dia 20 de agosto de 1889 e faleceu em Goiânia no dia 10 de abril de 1985.

Segundo Rodrigo Bastos Daude:

A Casa foi construída no século XVIII para recolhimento do Quinto Real, assim possui traços da arquitetura colonial brasileira, sendo as paredes de pau a pique e adobe. Virou museu em 1989 e em 2001 compôs o conjunto arquitetônico da Cidade de Goiás ganhador do título de patrimônio Mundial da Humanidade. Ana Lins era dona de casa e doceira, mas ficou como Cora Coralina por possuir uma obra poética rica em cotidiano do interior (becos e ruas históricas). O desconhecimento acerca das regras gramaticais contribuiu para que sua produção artística priorizasse a mensagem ao invés da forma. O museu possui em seu acervo relatos de parte da vida desta poetisa, que indiretamente retrata a vida de um povo, de uma época. (DAUDE, 2014, p. 144).

De acordo com o site oficial do museu Cora Coralina (2022), referido museu é conhecido popularmente como Casa Velha da Ponte, erguido em meados do século XVIII a fim do recolhimento do Quinto Real na região, pertencendo ao desembargador



O acervo do Museu Casa de Cora Coralina preserva a memória, imagens e discursos conservando para lembrar e promover a poetisa. É um passeio emocionante para os visitantes da Cidade de Goiás, que conhecem uma belíssima história de vida e importante herança cultural da nossa literatura.

CULTURA E ETNOMATEMÁTICA PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

Sobre isso Cuche nos disse que:

Cuche (1999), define a cultura como algo além do biológico, pois cultura tem a ver com a adaptação do ser ao meio, sendo também a tentativa do homem se adaptar ao ambiente. Em seu amplo sentido torna possível a transformação da natureza e remete



Por esse olhar, a etnomatemática valoriza a matemática de diversos grupos culturais distintos e faz uma ênfase nos conceitos matemáticos informais desenvolvidos por cada um, fora do espaço escolar através de suas vivências de seu cotidiano. A sociedade com suas diferentes culturas, tem inúmeras maneiras de trabalhar com conceitos matemáticos. Sendo assim, a etnomatemática visa valorizar estas diferenças e afirma que toda construção e contribuição do conhecimento matemático é proveitoso e que está ligada à tradição, à comunidade e à cultura dos povos. Lembrando, a matemática surgiu afim de atender as necessidades do homem, através da construção de materiais de pedra, osso, barro, metal, e esse materiais utilizados em seu dia a dia como em construções, etc.

Sendo assim as ideias de etnomatemática, acaba tendo um diálogo com vários novos conceitos e visões de mundo, o que fez que fosse reconhecido por alguns profissionais de educação, sendo apontada como uma nova maneira de construir a aprendizagem resgatando valores culturais, sociais e humanos.

A partir da matemática, utilizando o ambiente escolar de uma forma cultural por exemplo, contextualizando com à utilizada no dia a dia fazendo com que os alunos vivenciem a forma de que podemos usar a matemática presente nas comunidades em



Essa gama de formas de pensar e pesquisar a etnomatemática nos mostra que o conhecimento não acontece de maneira isolada, está inserido no contexto permitindo modificá-lo e também ser modificado. Desde modo, as perspectivas da Etnomatemática, são compostas por um conjunto de conhecimentos, sendo influenciadas e modificadas, através do contexto histórico em que estavam imersas.

Visto que na etnomatemática, a ideia básica é a que decorre do reconhecimento de que diferentes culturas têm diferentes formas de lidar com situações e problemas cotidianos, bem como diferentes formas de explicar fenômenos naturais e sociais.

ANÁLISE E RESULTADOS

Nesse movimento investigativo visualizamos as práticas matemática e se as pessoas tem consciência da existência delas no museu. De modo geral foi possível visualizar os ambientes que estão disponíveis para visitação e conhecer melhor sobre o Museu.

Por exemplo, o primeiro ambiente a ser visitado é a sala, um espaço que é utilizado para contar uma parte da vida de Cora Coralina. O segundo ambiente é a cozinha, no qual ficam os objetos como tachos, panelas que foram usadas para fazer seus doces.



Posteriormente somos direcionado a varanda, espaço da casa comum em sua época. Tal varanda é coberta e dentro da casa, esse espaço era lugar o qual utilizava para leitura. A outra parede sustenta um quadro com fotos de Padre Cícero e Lampião, ambos figuras do Nordeste. Também há um poema dedicado ao seu pai, foto dele morto e os cacos do prato que deu origem ao poema O prato Azul-Pombinho.

A próxima sala é o espaço que fica os objetos de Maria da Purificação (Maria Grampinho) uma andarilha da cidade, possuía esse nome por usar mais de cem grampos na cabeça, e também possui a bengala de seu jardineiro e fiel escudeiro Vicente Tomé. O próximo lugar da visita é o porão utilizado por Maria Grampinho para dormir o qual também possui a fonte que dá a uma bica.

O jardim não é liberado para visita, a água da fonte vem de uma nascente que passa debaixo da Igreja do Rosário. O lugar seguinte é o quarto de Cora Coralina, o que se vê é um criado mudo e uma cama de solteiro, tem um guarda-roupa, um cabideiro com as roupas de mais uso, um humilde santuário, mesa com a máquina de costura e um baú que pertenceu a sua mãe.

A sala ao lado, está sua máquina de datilografar, aos 93 anos de idade não conseguia mais datilografar. Na Sala das Condecorações estão reunidas as diversas homenagens que a escritora recebeu, dentre eles o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás. No ano de 1983, foi considerada a Intelectual do Ano do Troféu Juca Pato e também possui outras condecorações que ganhou e as suas becas usadas.

E por fim, a sua biblioteca com o grande acervo de livros e poemas inéditos, ao centro possui um capacete que recebeu simbolizando o trabalho. Um quadro ao lado da porta de saída reproduz um dos últimos poemas escritos por Coralina.

A matemática no Museu

Nesta seção, apresentamos o Museu como um espaço de educação matemática por meio das fotos da fachada, cozinha e entre outros ambientes do Museu.

Na figura 1 temos a perspectiva da entrada do Museu Cora Coralina.

Figura 1: Fachada do Museu





Fonte: Daude, 2014

Aqui podemos observar a fachada da Casa de Cora Coralina, que traz traços da herança barroco colonial brasileira, com essa imagem podemos trazer conteúdo que pode ser estudado com a fachada, por exemplo: geometria, com o conteúdo de geometria plana, podemos identificar as figuras geométricas. A porta podemos comparar com um retângulo, as janelas do mesmo modo temos a comparação de um retângulo.

Na figura 2 temos a bica do porão, que provém de uma fonte subterrânea, nesse ambiente podemos estudar por exemplo: velocidade, volume, inclinação da reta.

Figura 2- Bica do porão



Fonte: DAUDE, 2014.

Segundo Daude (2014):

História: Cora Coralina é também reconhecida por ser uma doceira de “mão cheia”, nestes espaços visualizamos utensílios domésticos que chamam a atenção por sua conservação e formas; nestes espaços ele recebia e servia a seus convidados lanches e cafés. Há exposto, panelas, caldeirões de cobre, ferro a brasa de passar roupa e ainda o fogão e pia usada por ela. (DAUDE, 2014, p.145).

O papel dessa pesquisa, é mostrar que o Museu é um espaço de Educação Não Formal, que os visitantes nem imaginam essa possibilidade, mas que sim é possível ter uma experiência de aprender matemática no Museu. E essa pesquisa deixa dicas de



CONSIDERAÇÕES FINAIS

E a partir dessas considerações foi desenvolvido a escrita do “novo” conhecimento matemático, o qual tentamos explicar o que é conhecimento científico, que parte da observação, do ouvir, o tocar, assim fazendo parte da aprendizagem dos indivíduos.



De modo claro visualizamos figuras geométricas, por exemplo, na fachada, podemos comparar as portas e janelas com um retângulo. Com a cozinha podemos observar os seguintes conteúdos: áreas de figuras circulares como a: torradeira de café, panelas, caldeirões, volume de sólido: cilindro como a torneira/ pia, louças. Temos a bica do porão, nesse ambiente podemos estudar por exemplo: velocidade, volume, inclinação da reta. Isso tudo foi possível mediante observação e seguindo o roteiro definido pela instituição. Damos um destaque especial que o Museu Casa de Cora Coralina não possui um projeto pedagógico, o que limita a ação educativa do mesmo, sendo um Museu histórico e que envolve um personagem da literatura, Cora Coralina, esses aspectos estão contemplados de modo satisfatório. O que sugerimos é que a maneira de trabalhar no Museu seja realizada por meio de uma visita prévia do docente de matemática e que use questionamentos/problematizações com seus alunos a partir de cada ambiente do Museu. É sim possível discutir a matemática se o docente usar como referência a história e os objetos que ali estão expostos e não se prenda a fixar, fazer exercícios convencionais, mas que tenha uma abertura dinâmica de discussão de conhecimentos científicos.

Acreditamos que seja de suma importância pesquisar, esse tema é relevante para o meio acadêmico e para a sociedade, desse modo se faz necessário a ampliação das atividades ligadas às áreas educacionais dentro dos projetos dos museus, objetivando ampliar a relação Museu-Escola. Acreditamos que esse trabalho pode ajudar futuramente professores de matemática a desenvolverem atividades usando o Museu, assim valorizando o legado e à cultura goiana e brasileira. Portanto, é necessário organizar projetos que viabilizem novas ações e pesquisas dentro do Museu.

REFERÊNCIAS

CHALMERS, Alan Francis. **O que é ciência afinal?** Tradução de Raul Filker. São Paulo, Brasiliense, 1993.

CREPALDI, Isabella Conduta; MARTINS, Isabela Peixoto; SOUZA, Eloisa Guedes de. O ensino de ciências no museu e a educação não formal. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCACAO EDUCERE, 10, 2013, Curitiba. **Anais. II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO -SIRSSE. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE-SIPD/CÁTEDRA UNESCO.** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013. Disponível em: . Acesso em: 17 de mai. de 2022.



CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 1999.

DAUDE, Rodrigo Bastos. **Espaços não formais na formação do professor de matemática**: uma análise a partir do Núcleo de Ações Educativas da UnU de Goiás/UEG-NEMENF. 2014.155 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação Matemática. Da Teoria à Prática**. 7a Edição. Campinas: Papirus, 1996.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática, justiça social e sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 189-204, set./dez. 2018.

GOIÁS, Curta Cidade de. **Museu Casa de Cora Coralina**, 2022. Disponível em :< <https://www.museucoracoralina.com.br/site/> >. Acesso em:17 mai. 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social**: atuação no Desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e estados: Goiás (GO). Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/panorama> >. Acesso em:17 mai. 2022.

JACOBUECCI, Daniela Franco Carvalho. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica**. Em extensão, Uberlândia, V. 7, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E D A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2013, p.11.

CARRAHER, David William; CARRAHER, Terezinha Nunes; SCHLIEMANN, Ana Lúcia Dias. **Na Vida Dez, Na Escola Zero**. São Paulo, Cortez. 12º ed. 2001.

